



## EDUCAÇÃO, SAÚDE E SEXUALIDADE: O QUE PENSAM OS DISCENTES ?

Edenilse Batista Lima<sup>1</sup>

Acácio Alexandre Pagan<sup>2</sup>

### EIXO TEMÁTICO: 13. Educação, Sexualidade e Direitos Humanos

#### RESUMO:

O indivíduo promove sua saúde quando conhece sua própria sexualidade e os potenciais riscos que corre quando não a vivencia de maneira consciente. A saudável concretização desse direito se dá a partir das práticas sócio-educativas, principalmente na família e na escola. Assim sendo, neste trabalho buscou-se compreender a inter-relação entre a educação, a sexualidade e a saúde, a partir da visão dos alunos do ensino médio de uma escola pública estadual da cidade de São Cristóvão/SE. Os dados foram obtidos através da aplicação de 231 questionários com questões fechadas. Os resultados dessa pesquisa ratificam a importância do papel da família e da escola na (re)construção da sexualidade do adolescente. Os temas de saúde e sexualidade fazem parte do universo de preocupações desses jovens, no entanto, a discussão sobre estes temas, muitas vezes, não encontra espaço nos ambientes escolares e familiares.

**PALAVRAS-CHAVE:** educação; saúde; sexualidade.

#### RESUMEN:

El individuo promueve su salud cuando conoce su propia sexualidad y los riesgos potenciales que tiene cuando no vive de manera consciente. La saludable concretización de este derecho se produce a través de las prácticas socio-educativas, principalmente en la familia y en la escuela. Por lo tanto, en este estudio trata de comprender la interrelación entre la educación, la sexualidad y la salud, desde la perspectiva de los alumnos de la educación secundaria en una

---

<sup>1</sup> Mestranda em Ensino de Ciências e Matemática /NPGEICIMA/UFS. Profª. efetiva da Secretaria de Estado da Educação de Sergipe/SEED-SE. Membro do GPEMEC e do EDUCON//UFS. edenbali2005@yahoo.com.br

<sup>2</sup> Profº Dr. da Universidade Federal de Sergipe/UFS (DBC/NPGEICIMA/EDUCON/GPEMEC) apagan.ufs@gmail.com

escuela pública en São Cristóvão / SE. Los datos se obtuvieron a través de la aplicación de 231 cuestionarios con preguntas cerradas. Los resultados de la investigación confirman la importancia del papel de la familia y de la escuela en la (re) construcción de la sexualidad del adolescente. Los temas de salud y sexualidad son parte del universo de preocupaciones de estos jóvenes, sin embargo, el debate sobre estas cuestiones, a menudo, no encuentran espacio en los ambientes de la escuela y de la familia.

**PALABRAS LLAVE:** Educación, salud, sexualidad.

## INTRODUÇÃO

Uma medida promissora para a promoção da saúde é o conhecimento da própria sexualidade e dos potenciais riscos que se corre quando não a vivencia de maneira consciente, a partir das negociações pela liberdade no contexto repleto de tabus, medos, preconceitos e mitos. A saudável concretização desse direito se dá a partir das práticas sócio-educativas, principalmente na família e na escola.

Como escreveu Briztman (1999, p. 156), a

questão da sexualidade é central à questão de se tornar cidadão, de criar um eu capaz de defender-se, se sentir de forma apaixonada a situação dos outros, de criar uma vida a partir das experiências de aprender a amar e de fazer dessas aprendizagens do amar; o amor por aprender. Esse direito de construir a sexualidade é, assim, composto de movimentos minúsculos e cotidianos: o direito a construir o eu, o direito ao prazer, o direito à informação adequada, o direito a fazer perguntas, o direito a ler, o direito a juntar-se ao social, o direito à curiosidade, o direito a amar.

Esse mesmo autor aponta a estreita relação entre as condições para o desenvolvimento de uma sexualidade saudável e as práticas educacionais, inclusive no espaço escolar, considerando que a escola simula o espaço social, com menor complexidade e incentiva à prática da construção valores morais, sociais e humanos (BRIZTMAN, 1999, P. 157).

Em nossa cultura o amor e a sexualidade apresentam significados indissociáveis da vida humana e sua realização prazerosa nos tem sido apresentada como algo essencial. Todos nós estaríamos submetido a essas dimensões e a partir delas, geralmente, somos valorados, classificados e posicionados como mais ou menos bem-sucedidos e saudáveis. O prazer, a felicidade e a saúde “tornaram-se imperativos sendo o amor e a sexualidade definidos como ingredientes indispensáveis para que esse prazer, essa felicidade e essa saúde se realizem” (MEYER et all, 2007, p.221). A vivência desse prazer, muitas vezes, está associada à disposição e à capacidade de enfrentar e de correr determinados riscos, que atualizam uma relação que, historicamente, se faz entre prazer e perigo.

A construção da sexualidade se dá ao longo de toda a vida, dá-se através de diversas aprendizagens e práticas, insinua-se nas mais diferentes situações, é empreendida de maneira explícita ou disseminada por um conjunto inesgotável de instâncias sociais e culturais, é um processo sutil, minucioso sempre inacabado. Nesse processo de construção participam de forma relevante a família, a escola, a igreja, instituições legais e médicas. Hoje, essa construção sofre influência da mídia, das novelas, dos filmes, da publicidade, das revistas, da

internet, dos sites de relacionamentos e blogs, das músicas e coreografias destas (LOURO, 1999).

Castells (1999) afirma que a sexualidade é uma necessidade pessoal que não precisa ser canalizada e institucionalizada no seio da família e que a construção do desejo se dá nas relações inter-pessoais fora do contexto da família tradicional.

Ao se considerar a relação saúde, sexualidade e escola, como objeto de análise, percebe-se haver um amplo conjunto de fatores envolvidos, os alunos, os professores, a família, a mídia, a cultura, as relações de gênero e a biologia dos corpos. Neste trabalho damos alguns primeiros passos nesta discussão, buscando dar voz e visibilidade aos alunos. Visando a construção de um espaço que possibilite o desenvolvimento de uma educação sexual que compreenda e contextualize como a escola atua sobre o corpo e sobre a sexualidade.

A necessidade de diálogo entre pais e filhos é primordial para a formação dos adolescentes; sendo que vínculos afetivos mais fortes, confiança e intimidade estabelecidas possibilitam posturas mais seguras e fortalecidas perante os desafios do mundo moderno, bem como maior capacidade de discernimento nas escolhas. Em contrapartida a escola pode fortalecer esses conhecimentos pré-adquiridos no convívio familiar.

Neste trabalho busca-se compreender concepções acerca dos temas confluentes entre saúde e sexualidade manifestadas por alunos do Ensino Médio de uma escola pública da cidade de São Cristóvão/SE. Além disso, busca-se compreender um pouco mais sobre a participação da escola na educação sexual e saúde dos adolescentes.

## **A PESQUISA**

### **O caso**

Foi realizado um estudo de caso, no 2º semestre de 2009, em uma escola pública estadual de Ensino Médio na cidade de São Cristóvão/SE, através da metodologia de análise qualitativa de dados numéricos, que visa a interpretação exploratória, baseada na análise de dados obtidos através de questionários.

Assim, 231 questionários foram aplicados a estudantes de ambos os sexos, com faixa etária entre 14 e 62 anos, com a maior parcela entre 14 a 19, das três séries do Ensino Médio e

da Educação de Jovens e Adultos do Ensino Médio (EJAEM). Esse número correspondeu a 30,67% dos alunos matriculados nas referidas séries.

Os dados foram processados em software estatístico e foram organizados em um conjunto de tabelas e gráficos, posteriormente interpretados levando-se em conta os objetivos da pesquisa e o referencial bibliográfico.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

### Concepções sobre saúde e sexualidade

Conforme dados da figura 1 a maioria dos entrevistados associa sexualidade a sexo. Porém, uma grande parcela já consegue associar ao jeito de ser e agir da pessoa (olhar, portar-se, vestir-se, falar, andar e de sentar-se).

O termo sexualidade é bastante amplo, envolve vários fatores da personalidade, do comportamento e do sentido humano. Os papéis sociosexuais, impostos pelos valores culturais, absorvidos desde a infância caracterizam e moldam cada sexo. A sexualidade é própria de cada pessoa, a meiguice, carinhos, os afetos, impulsos sexuais, socialização, agressividade, a forma cortez ou grotesca de se comunicar com os outros, a colocação da voz através do seu timbre, tonalidade e velocidade, o nível de simpatia ou antipatia, a maneira de se vestir e se produzir, o grau de inibição e a capacidade de atrair o outro, as preferências sexuais, desejos, fantasias, as manifestações da excitação e do orgasmo, a beleza física e a disposição anatômica das formas do corpo, etc., caracterizam o que chamamos de sexualidade. (MEIRA, 2002)

Nesse final de século, o poder da ciência e da tecnologia vem ditando novas regras, estabelecendo permissões e proibições para os relacionamentos sexuais.

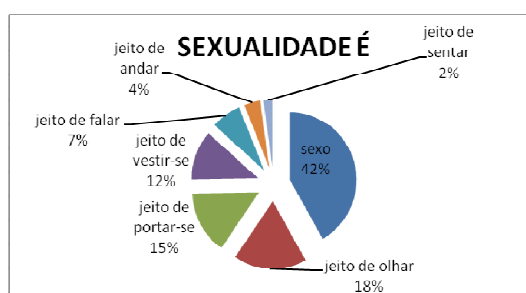


Figura 1 concepção sobre sexualidade

Os adolescentes buscam informações sobre sexualidade, principalmente, nos livros e na internet (figura 2) e acreditam que os colegas conversam livremente sobre este tema (figura 3).

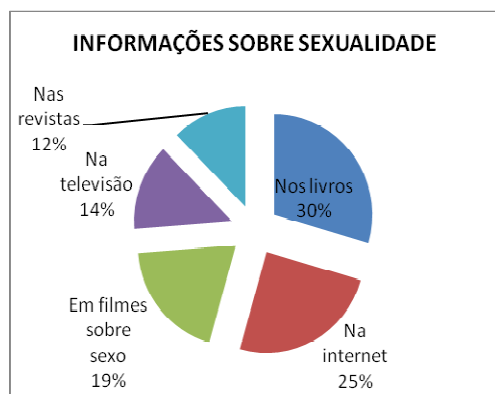


Figura 2 busca de informações sobre sexualidade

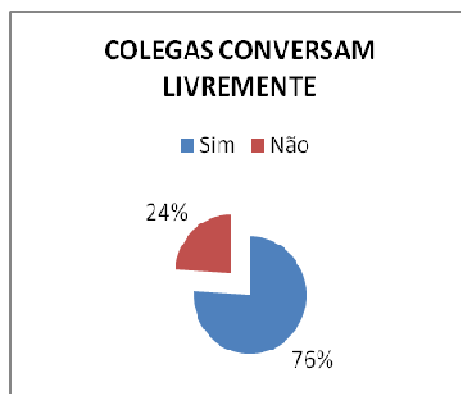


Figura 3 conversa sobre colegas

Os adolescentes preferem conversar com amigos sobre sexualidade, em segundo lugar, aparecem as mães. Porém, há uma diferença muito grande entre a conversa com amigos e a conversa com a mãe. O pai está destacado como a penúltima opção para a conversa orientadora sobre sexualidade (figura 4).

Um contracenso ocorre nesta questão uma vez que, segundo a questão anterior, uma boa parcela dos entrevistados busca informações sobre sexualidade nos livros e na internet e nesta a maioria conversa sobre esta temática com seus amigos. Ou então, nessas conversas com os amigos surgem apenas espaços para se falar sobre experiências reais e/ou imaginárias não, supostamente, buscando informações. Porém, a nosso ver qualquer tipo de conversa nos fornece sempre informações, úteis ou desnecessárias.

Os adolescentes dão muita importância para os amigos no que se refere às conversas sobre sexualidade. Isso se deve ao fato de serem da mesma idade e assim, entenderem melhor os seus problemas. Os pais acabam ficando um pouco distante dos adolescentes. Estes, já não mais se identificam com seus pais e vão procurar em outros meios às vivências e experiências que necessitam nesse momento de sua vida. (TONATTO e SAPIRO, 2002)

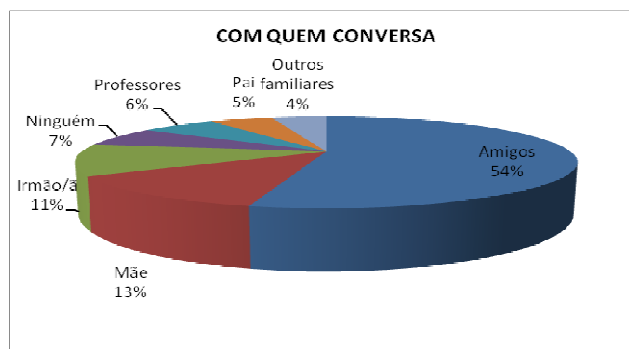


Figura 4 conversa sobre sexualidade

Os adolescentes não se sentem bem para conversar com seus pais sobre sexualidade (figura 5). Sabe-se que para muitos jovens esse diálogo não se dá de forma fácil, em particular pelo receio dos jovens sobre os julgamentos dos adultos quanto suas lógicas sobre trânsito entre o afetivo e o sexual (ABRAMOVAY, 2004).

A conversa sobre sexualidade com os filhos para alguns autores seria um tabu na cultura brasileira, principalmente no que diz respeito à educação das moças (PARKER, 2000).

Segundo Görge (1994, p. 3)

Em várias culturas, os pais não têm o costume de falar com os seus filhos a respeito de relacionamentos sexuais, reprodução e anticoncepção. Antigamente talvez outros membros da família, p. ex. os tios ou tias, assumiam esta tarefa. Hoje, tanto os pais como também outros membros da família, não se sentem informados o suficiente nem aceitos pelos adolescentes para aconselhá-los a este respeito. Em várias pesquisas realizadas, os pais expressaram a sua necessidade de saber mais sobre educação sexual, contracepção e prevenção à AIDS para poderem falar a respeito com os seus filhos.

Mesmo sendo quase da mesma idade e tendo praticamente os mesmos interesses, muitos adolescentes também não se sentem bem para conversar com seus colegas ou nunca surgiu ocasião para se conversar sobre esta temática. A conversa sobre sexualidade entre os adolescentes muitas vezes não ocorre por questões de medo da difamação, insegurança, desconfiança, vergonha, falta de seriedade e de maturidade (por serem da mesma idade possuem o mesmo nível de conhecimento) dos colegas (figura 6)

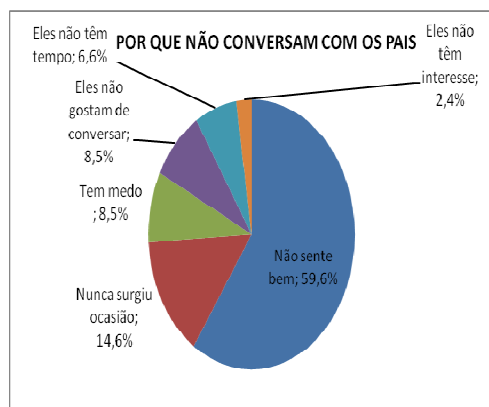


Figura 5 justificativas para não conversar com os pais



figura 6 justificativas para não conversar com os amigos

Os jovens já possuem uma aceitabilidade maior com relação à homossexualidade. Porém, uma boa parcela dos entrevistados possui uma visão preconceituosa com relação a esse tipo de orientação sexual atribuindo palavras como safadeza, algo vergonhoso e doença (figura 7).

Furlani (2008) traz a questão da importância em se falar sobre a identidade homossexual na escola.

Ainda que seja uma referência ausente ou esporádica no contexto do currículo escolar, a homossexualidade torna-se imprescindível como identidade cultural, na medida em que remete e acentua a sua representação oposta (a heterossexualidade), sobretudo no que diz respeito aos modelos hegemônicos de família, aos relacionamentos amorosos, às práticas sexuais, aos sujeitos, aos estudos de vida (FURLANI, 2008, p. 128).

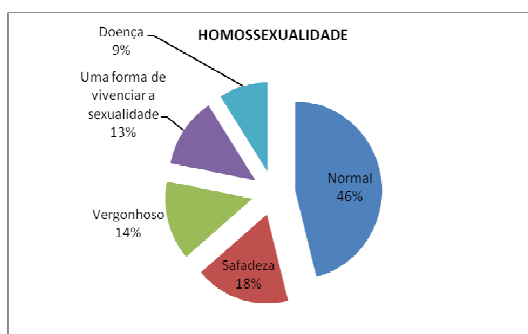


Figura 7 concepções sobre homossexualidade

As concepções dos discentes pesquisados sobre saúde e sexualidade nos mostra que está ocorrendo uma abertura, nas relações familiares, para um diálogo sobre a temática sexualidade. Porém, esta abertura ainda é muito ínfima, ou seja, insuficiente para orientar os adolescentes sobre questões relevantes relacionadas à sexualidade e conscientizá-los sobre possíveis problemas ocasionados quando as fontes utilizadas para orientá-los trazem informações distorcidas da realidade.



## E o papel da escola?

Os adolescentes acreditam que a escola deve discutir sobre sexualidade (figura 8). Com relação a esta questão houve uma pequena divergência, uma vez que alguns alunos acreditam que não é papel da escola discutir sobre essa temática.

Ao se entender a escola como uma instância envolvida na produção de identidades sexuais e de gênero e com a validação de determinadas formas de viver a masculinidade, a feminilidade e as sexualidades,

torna-se importante focalizarmos os processo escolares envolvidos com a naturalização de diferenças e desigualdades sociais, nesses domínios... A compreensão de natural, muitas vezes compartilhada na escola, exclui o caráter de construção das identidades sociais, da multiplicidade, da provisoriedade e da contigência do humano, bem como dos aspectos históricos, sociais, culturais e políticos que envolvem a produção dos discursos em educação. (MEYER et all, 2007, p. 229)

Para Oliveira e Bueno (1997), a escola é um local importante para se trabalhar conhecimentos, habilidade e mudanças de comportamentos. O ambiente escolar possui um contexto propício e adequado para o desenvolvimento de ações educativas nas diversas áreas de conhecimento. Por isso, deve-se investir nas questões da sexualidade e das DST/AIDS desmistificando preconceitos, tabus, crenças, valores e mitos estereotipados na educação das pessoas, ao longo dos tempos. Para tanto, a escola deve desenvolver estratégias pedagógicas apropriadas, visando a integração da família e da comunidade neste processo.

É importante uma abordagem interdisciplinar para se trabalhar as questões relacionadas à sexualidade. Porém, para que a transversalidade e a interdisciplinaridade se efetivem precisa ocorrer uma ressignificação do processo ensino-aprendizagem.

O currículo adequadamente construído deve atender as necessidades dos alunos e professores de compreender a sociedade na qual vivem, favorecendo o conseqüente desenvolvimento de diversas capacidades, tanto técnicas quanto sociais, que os auxiliam em sua localização dentro da sociedade como pessoas autônomas, críticas, democráticas e solidárias. (TONATTO e SAPIRO, 2002, p. 172)

Para Meyer et all (2007) a sexualidade nas escolas continua sendo tematizada sob enfoque do risco, seguindo a tradicional hegemonia do referencial médico. As práticas educativas que enfocam a promoção da saúde sexual, da prevenção da gravidez e de doenças são orientadas por um viés individualista.

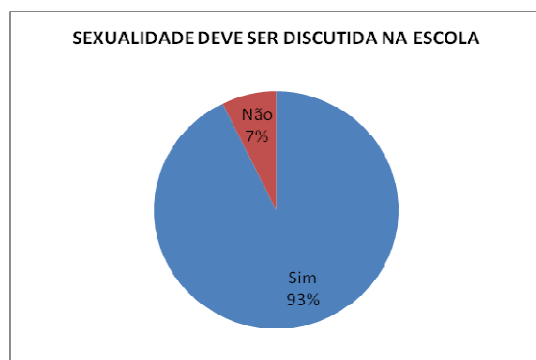


Figura 8 discussão sobre sexualidade na escola

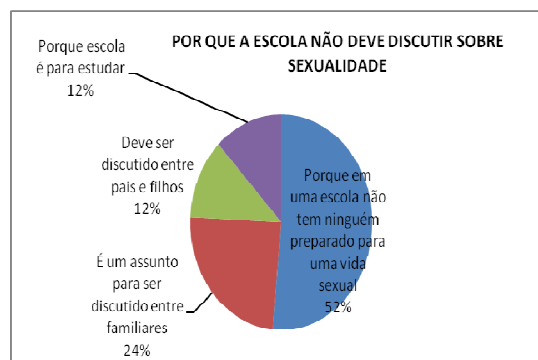


Figura 9 justificativa para a escola não discutir

Para os adolescentes a discussão na escola sobre sexualidade ocorre na forma de palestras pontuais (figura 10).

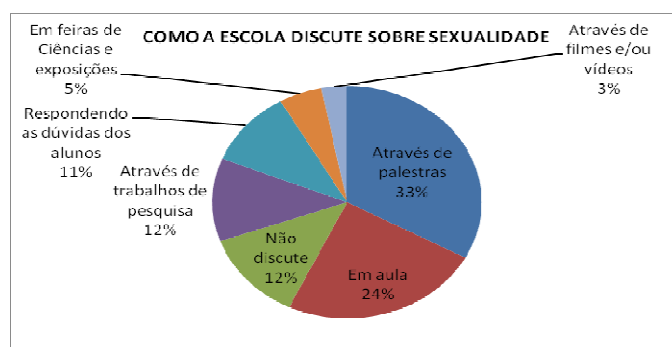


Figura 10 metodologia para discussão na escola

Os professores quando falam sobre sexualidade fazem de forma natural (figura 11). Porém ainda existem àqueles que não se sentem à vontade ou não sabem sobre o assunto. Assim sendo, deixam de debater temas cruciais para a educação dos adolescentes.

Ainda hoje os alunos acreditam que o único professor capacitado para falar sobre sexualidade e cumprir o papel de educador sexual é o de Biologia (figura 12), uma vez que é ele quem fala sobre a questão do corpo humano. Na concepção de 25% dos adolescentes pesquisados questões relacionadas à sexualidade podem ser discutidas por professores de todas as áreas.

Os professores estão despreparados para trabalharem questões relacionadas à sexualidade e esse despreparo deve-se, muitas vezes, à educação familiar anti-sexual e opressora que eles receberam e a sua formação acadêmica inicial na qual a discussão sobre essa temática é quase inexistente (SILVA et al, 2005).

As discussões relacionadas à

construção de gênero, sexualidade, prazer, corpo e saúde envolvem dimensões políticas e sociais que, por sua vez, estão implicadas com a escola e com a função docente, sobretudo na direção de perceber que os

conhecimentos escolares estão imbricados com a produção e atribuição das diferenças de gênero, da educação que institui a heterossexualidade como norma e com a exclusão ou silenciamento dos prazeres e vivências juvenis (MEYER et all, p. 235).

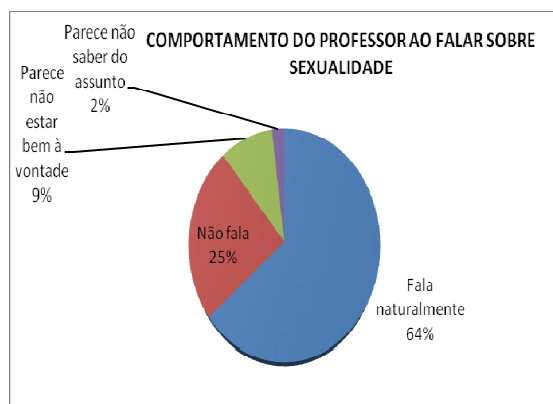


Figura 11 comportamento do professor

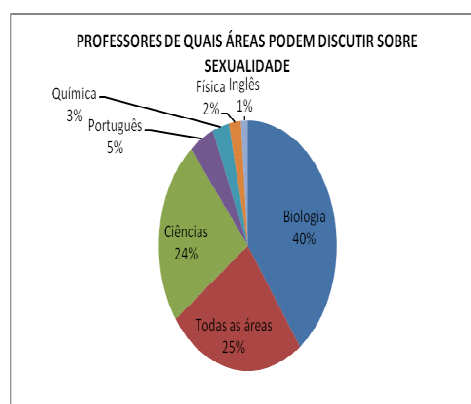


Figura 12 qual área deve discutir

Mesmo percebendo a importância de se falar sobre sexualidade na escola e até apontando qual professor está habilitado para exercer o papel de educador sexual, existem muitos alunos que não se sentem bem conversando com professores sobre tais questões.

## Influências da mídia

A influência da mídia no desenvolvimento da sexualidade do adolescente é percebida pela maioria dos entrevistados (figura 13), sendo que essa influência se dá através das letras de músicas, das coreografias das danças, das novelas, dos programas de TV e dos filmes que mostram cenas inadequadas.

Fagundes (2003) declara que as primeiras concepções dos papéis da mulher e do homem são apreendidas no âmbito familiar e que as escolas tendem a reforçá-las. Aos aprendizados no âmbito familiar e escolar, somam-se, as contribuições da mídia na forma de programas e seriados de TV, comerciais nas páginas de revistas, jornais e em outras produções culturais como cinema. Estes reafirmam intencionalmente ou não, a dicotomia entre os gêneros.

Para Camargo e Botelho (2007) o problema da televisão envolve a falta de qualidade na sua programação e a mercantilização da sexualidade humana, sendo necessária sua melhor utilização como suporte para campanhas regulares dirigidas aos adolescentes.

A mídia exerce um papel de educadora informal que atrai muito os jovens atuais.

Com relação aos corpos adolescentes, os discursos que prolifera se dirigem mais especificamente ao corpo das meninas, e apresentam uma proposta vinculada a um mecanismo de controle, que ao mesmo tempo que incita os adolescentes a mostrarem seus corpos, faz a exigência de que, para isso, eles estejam dentro dos padrões de beleza rigorosamente estabelecidos. (TONATTO E SAPIRO, 2002, p. 168)

Os corpos são influenciados pela questão da valorização social de um determinado padrão estético, de um ideal de corpo e beleza.

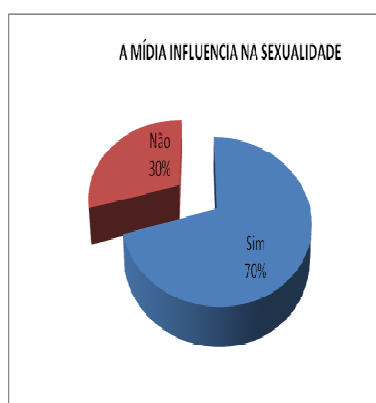


Figura 13 influência da mídia

### Ações preventivas

Os adolescentes acreditam que o sexo antes do casamento prepara o jovem para a vida a dois. Porém, existe uma boa parcela que vê esse ato como algo pecaminoso e desvalorizante para a mulher (figura 14).

Conceição (1988) declara que tanto para homens como para mulheres, a educação sexual sempre foi ostensivamente repressora. As regras sociais vigentes só aceitavam, para os jovens, o exercício da sexualidade dentro do matrimônio e mesmo assim limitado à reprodução. Isso se manteve estável até meados da década de 50, quando se desencadeou, na Europa, o "movimento beat" com reflexos no Brasil. Esse movimento, representando uma contestação dos jovens ao modelo social vigente, trazia em seu bojo a "revolução sexual", pregando uma nova concepção de sexo desvinculado de compromisso, o uso de drogas e novos hábitos de vestir e falar.

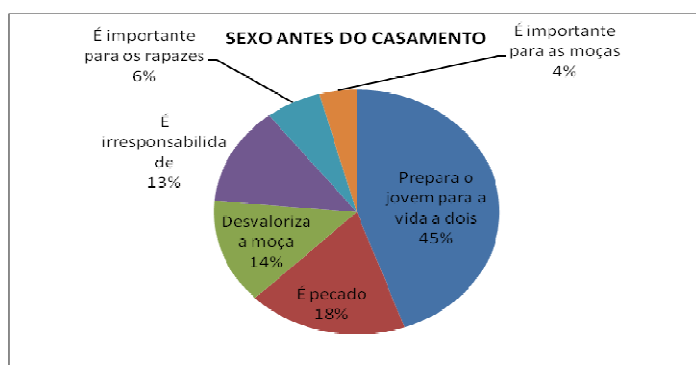


Figura 14 concepção sobre sexo antes do casamento

Muitos dos alunos e alunas pesquisados/as já têm consciência da importância do uso de ações preventivas nas relações sexuais (figura 15), sendo que a principal ação preventiva é o uso da camisinha. Porém, o preconceito, a desinformação e a falta de conscientização das ações de vulnerabilidade perante o uso do preservativo ainda permanece em alta. Provavelmente fruto de uma educação patriarcal, machista, religiosa e romântica, pois, alguns/algumas dos/as entrevistados/as possuem concepções de que quem ama não trai, tem que confiar no(a) companheiro(a).

A maioria dos/as adolescentes acredita que caso chegasse em suas casas com preservativo os pais achariam normal. Entretanto, um percentual significativo considera que os pais achariam errado (17%) e vergonhoso (15%). Uma pequena porcentagem acredita que os pais achariam que vai de encontro à lei de Deus (figura 16)



Figura 15 concepção sobre sexo seguro

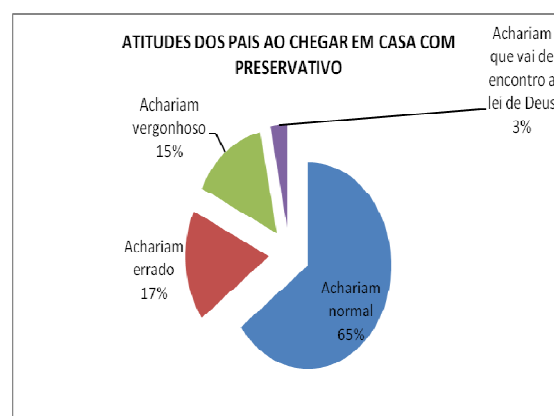


Figura 16 comportamento dos pais ao ver os filhos com preservativo

Os dados apresentados mostram um breve panorama de concepções discentes sobre aspectos da saúde e sexualidade, bem como o papel da escola neste tema. No tópico seguinte, apontaremos algumas considerações.

## ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Os temas DST/Aids, homossexualidade e sexo seguro que foram apresentados por nós como confluente entre saúde e sexualidade apresentam-se no repertório de preocupações dos/das discentes consultados/das.

De acordo com os resultados obtidos percebe-se que as concepções desses alunos se relacionam, principalmente, com a idéia de uma sexualidade ligada à essencialidade do corpo, desprovido de fatores psicológicos e culturais.

Trazer a relação do jovem com a escola para o diálogo sobre sexualidade revela-se prioritário, na pesquisa realizada, considerando que 93% destes, apontam a escola como espaço de diálogo. Isso nos indica que se faz necessário que a escola amplie espaços de discussões e estratégias de formação docente, que possibilitem práticas significativas contributivas para que os jovens se sintam como sujeitos do processo e possam se colocar como tal na relação com essas práticas e seus/suas mediadores/as docentes. Percebe-se que a maioria dos alunos vê apenas o/a professor/a de Biologia como o único/a habilitado/a e competente para falar sobre o tema em questão.

Foi destacado pela maioria dos pesquisados o quanto a mídia influencia o desenvolvimento da sexualidade do/a adolescente, sendo que essa influência se dá através de filmes, letras e coreografias de músicas, novelas. Sabe-se que os/as jovens muitas vezes absorvem as informações trazidas pela mídia como se fossem verdades absolutas, sem consequências e que devem ser copiadas. E, por não analisarem as informações disponibilizadas pela mídia, tornam-se vulneráveis a diversas situações (HIV, Aids, gravidez, drogas).

Na relação familiar dos/as jovens com seus pais falta inserir ainda o diálogo sobre sexualidade, uma vez que as conversas com os/as amigos/as são, ainda, maioria. Porém, alguns desses jovens percebem a importância da conversa orientadora de seus pais, sendo a mãe a pessoa mais procurada.

A interação, principalmente, com os/as amigos/as, pode servir à construção de comportamentos que levam à vulnerabilidade frente às DSTs e ao HIV. Faz-se necessário investir mais em processos educativos que permitam problematizar e desnaturalizar certas verdades e crenças, possibilitando o pensar e a vivência, de forma valorizada, das diferentes configurações e arranjos sociais.

De qualquer modo, destaca-se também, que os temas de saúde e sexualidade fazem parte do universo de preocupações desses/as jovens. No entanto, a discussão sobre esses temas, conforme tais discentes apontaram, muitas vezes, não encontra espaço nos ambientes escolares e familiares.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AQUINO, J. G. **Sexualidade na escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Summus, 1997

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. 4 ed. Trad. RETO, L. A.; PINHEIRO, A. Lisboa: Edições 70, 2004. 224 p.

BRITZMAN, D. P. Sexualidade e Cidadania Democrática in: **Escola Cidadã: Teoria e Prática**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

CAMARGO, B. V.; BOTELHO, L. J. Aids, sexualidade e atitudes de adolescentes sobre proteção contra o HIV. **Rev. Saúde Pública**, São Paulo, v. 41, n. 1, fev. 2007. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0034-89102007000100009&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-89102007000100009&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em 19 jul. 2009. Epub 28-Nov-2006. doi: 10.1590/S0034-89102006005000013

CASTELLS, M. O fim do Patriarcalismo: Movimentos Sociais, Família e Sexualidade na Era da Informação. In: **O Poder da Identidade**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

DINIS, N.; ASINELLI-LUZ, A. Educação sexual na perspectiva histórico-cultural. **Educ. rev.**, Curitiba, n. 30, 2007. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-40602007000200006&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40602007000200006&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em 19 jul. 2009. doi: 10.1590/S0104-40602007000200006.

FURLANI, J. Mulheres só fazem amor com homens? A educação sexual e os relacionamentos entre pessoas do mesmo sexo. **Pro-Posições**, Campinas, v. 19, n. 2, ago. 2008. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-072008000200009&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-072008000200009&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em 19 jul. 2009. doi: 10.1590/S0103-73072008000200009.

GÖRGEN, R.. Trad. RÖHR, G. S. Sexualidade na adolescência - **enriquecimento ou ameaça?** Grupo Adolescer. Terceira Conferência Mundial sobre a População, set/ 1994. Disponível em: <http://elogica.br.inter.net/lumigun/texgund1.htm>. Acessado em 19 de julho de 2009.

JARDIM, D. P.; BRETAS, J. R. da S. Orientação sexual na escola: a concepção dos professores de Jandira - SP. **Rev. bras. enferm.**, Brasília, v. 59, n. 2, abr. 2006. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0034-71672006000200007&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71672006000200007&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em 19 jul. 2009. doi: 10.1590/S0034-71672006000200007

LAURETIS, T. de. A Tecnologia do Gênero. In: HOLANDA, H. B. de. (org.), **Tendências e Impasses: O Feminismo como Crítica da Cultura**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

LOURO, G. L. **Gênero, Sexualidade e Educação: Uma perspectiva Pós-estruturalista**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

LOURO, G. L. **O Corpo Educado: Pedagogias da Sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

LOURO, G. L. **Gênero, História e Educação: Construção e Desconstrução**. Revista Educação & Realidade, v. 20, n. 2, 1995.

LOURO, G. L. Currículo, Gênero e Sexualidade – O “normal”, o “diferente” e o “excêntrico”. In: LOURO, G. L. **Corpo, Gênero e Sexualidade: Um Debate Contemporâneo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

LOURO, G. L. Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. **Pro-Prosições**, Campinas, v. 19, n. 2, ago. 2008. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-73072008000200003&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-73072008000200003&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em 19 jul. 2009. doi: 10.1590/S0103-73072008000200003.

MEC. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Pluralidade Cultural, Orientação Sexual**. Brasília: MEC/SEF, 1997.

MEC. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Apresentação dos Temas Transversais e Ética**. Brasília: MEC/SEF, 1997.

MEC. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais para o Ensino Básico Fundamental (1º e 2º ciclos)**. Brasília: MEC/SEF, 1997.

MEIRA, L. B. **Sexo: Aquilo que os pais não falaram para os filhos**. 7ª ed. João Pessoa: Autor Associado, 2002.

MEYER, D. E. E.; KLEIN, C.; ANDRADE, S. dos S. Sexualidade, prazeres e vulnerabilidade: implicações educativas. **Educ. rev.**, Belo Horizonte, n. 46, dez. 2007. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-46982007000200009&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-46982007000200009&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em 19 jul. 2009. doi: 10.1590/S0102-46982007000200009.